

## Editorial

Chie Hirose<sup>1</sup>

É com muito orgulho que apresentamos este novo número de *Convenit Internacional*, no qual – uma vez mais – o Cemoroc abre seu valioso espaço editorial, dando protagonismo de autores a professores (neste caso, professoras) de Educação Básica da escola pública. E não se trata só de publicações, mas de um princípio que informa todas as atividades do Centro. Desde 2013, são já 13 Seminários diretamente dirigidos à formação de professores; desde 2017 institucionalizados em atividade permanente: “Seminários, Cursos e Conferências para Professores”.

Não se trata só de *falar para* esses professores; como diretora de eventos científicos do Cemoroc tenho a alegria e a honra de ver esse protagonismo realizado, uma e outra vez, em nossos eventos. Por exemplo, em nosso mais recente Seminário Internacional Filosofia e Educação, o XVIII<sup>2</sup> (de 2017), ao lado de celebridades acadêmicas nacionais e internacionais, tiveram voz e vez sete docentes da rede pública de Educação Básica (não por acaso o título do Seminário era: “Da Pós Graduação à Educação Básica”).

Este número abre-se com o artigo de Paulo Ferreira da Cunha, um notável passo em sua incansável luta pela criação de uma Corte Constitucional Internacional. Luísa Tollendal Prudente em “Urraca I (1109-1126), gênero e monarquia: um estado da questão” visa identificar se, e de que maneira, o conceito de “gênero” tem sido utilizado pela historiografia, relativamente a esse reinado e à problemática do exercício feminino do poder monárquico na Castela medieval. Michel Nahas Filho nos introduz aos quatro temperamentos da tipologia de David Keirse. Altierrez dos Santos em “A narrativa religiosa do Vale do Amanhecer e a vocalização dos excluídos” discute as ligações entre religião e ficção científica que levaram a doutrina religiosa do Vale a acomodar e desenvolver temas da nova cosmologia a partir de referências visuais informadas pelo cinema.

A partir desse ponto começam os estudos das colegas professoras de Educação Básica na rede pública. Além da competência acadêmica (muitas de nossas autoras têm – ou estão cursando – doutorado ou mestrado), a força desses estudos vem da prática cotidiana no chão da escola, no contato diário com a **realidade** da sala de aula, com a realidade da educação inclusiva (campo no qual é especialmente insuficiente o academicismo teórico), com o real enfrentamento das dificuldades causadas pela máquina burocrática, pelo oportunismo político, pelo despotismo (/burrice) de funcionários que promovem a inoperância do Sistema (das mais altas instâncias até o pequeno poder que se compraz – talvez esgrimindo o Diário Oficial – em abortar qualquer iniciativa e se ressentir diante da criatividade e espontaneidade e de tudo o que manifeste espírito) etc.

---

<sup>1</sup>. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Univ. de Hiroshima. Profa. das Fac. Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

<sup>2</sup>. Cf.: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07g.html>

Joice Aparecida de Souza Pinto retoma o tema de seu mestrado (e de sua prática pedagógica pessoal...): narrativas, aprofundando em seu referencial teórico, o pensamento de Josef Pieper.

Antonia Zulmira da Silva discute indicadores de desenvolvimento do pensamento algébrico. Revisitar Mahfouz (a Trilogia do Cairo) é o convite pedagógico de Ana Lúcia Pereira da Silva.

A realidade e os problemas da inclusão de pessoas com deficiência intelectual é objeto da análise de Letícia Paloma de Freitas Pereira Silva em “Cuidados destinados à pessoa com deficiência intelectual: entre normalidade e anormalidade, da exclusão à inclusão”.

Já a problemática da educação inclusiva de surdos é a discussão de Renata Ferreira Santos Francisco em “Educação bilíngue, um desafio ao poder público: políticas educacionais no âmbito da educação inclusiva e bilíngue”.

Nancy C. Masson, nos faz um “Breve relato da construção do documento ‘Ensino Médio em Diálogos: Princípios e Caminhos na Rede Municipal da Cidade de São Paulo’”, importante documento para o futuro da Escola.

Encerro este editorial, dedicando esta edição em homenagem à Profa. Graziela Dias que, como diretora da EMEFM Vereador A. Sampaio, não tem poupado esforços para que os professores sob sua direção possam protagonizar sua vocação, seu professor: ser professor.